

D. Afonso III



Ordem: 5.º Rei de Portugal

Cognome(s): *O Bolonhês*

Início do Reinado: 24 de Julho de 1245

Regente desde 24 de Julho de 1245

Término do Reinado: 16 de Fevereiro de 1279

Aclamação:

Predecessor: D. Sancho II

Sucessor: D. Dinis

Pai: D. Afonso II,

Mãe: D. Urraca de Castela

Data de Nascimento: 5 de Maio de 1210

Local de Nascimento: Coimbra

Data de Falecimento: 16 de Fevereiro de 1279

Local de Falecimento: Lisboa

Consorte(s): D. Matilde, Condessa de Bolonha, D. Beatriz, Infanta de Castela

Príncipe Herdeiro: Infante D. Dinis (filho)

Dinastia: Borgonha (Afoncina)

D. Afonso III (Coimbra, 5 de Maio de 1210 - id., 16 de Fevereiro de 1279), cognominado *O Bolonhês* por haver sido casado com a Condessa de Bolonha, foi o quinto Rei de Portugal. Afonso III era o segundo filho do rei Afonso II e de sua mulher Urraca de Castela, e sucedeu a seu irmão Sancho II em 1248.

Guerra Civil - Deposição de D. Sancho II

Como segundo filho, Afonso não era suposto herdar o trono destinado a Sancho e por isso fez a vida em França, onde casou com a herdeira Matilde de Bolonha em 1238, tornando-se assim conde de Bolonha. Todavia, em 1246, os conflitos entre Sancho II e a Igreja tornaram-se insustentáveis e o Papa Inocêncio IV ordenou a substituição do rei pelo conde de Bolonha. Afonso não ignorou a ordem papal e dirigiu-se a Portugal, onde se fez coroar rei em 1248 após o exílio e morte de Sancho II em Toledo.

Até à morte de D. Sancho e a sua consequente coroação, D. Afonso apenas usou os títulos de *Visitador*, *Curadore* e *Defensor do Reino*.

Para aceder ao trono, Afonso abdicou de Bolonha e divorciou-se de Matilde para casar com Beatriz de Castela. Decidido a não cometer os mesmos erros do irmão, o novo rei prestou especial atenção à classe média de mercadores e pequenos proprietários, ouvindo suas queixas. Em 1254, na cidade de Leiria convocou a primeira reunião das Cortes, a assembleia-geral do reino, com representantes de todos os espectros da sociedade. Afonso preparou legislação que restringia a possibilidade das classes altas cometerem abusos sobre a população menos favorecida e concedeu inúmeros privilégios à Igreja. Recordado como excelente administrador, Afonso III organizou a administração pública, fundou várias vilas e

concedeu o privilégio de cidade através do édito de várias cartas de foral.

A Reconquista

Com o trono seguro e a situação interna pacificada, Afonso virou a sua atenção para os propósitos da Reconquista do Sul da Península Ibérica às comunidades muçulmanas. Durante o seu reinado, Faro foi tomada com sucesso em 1249 e o Algarve incorporado no reino de Portugal. Após esta campanha de sucesso, Afonso teve de enfrentar um conflito diplomático com Castela, que considerava que o Algarve lhe pertencia. Seguiu-se um período de guerra entre os dois países, até que, em 1267, foi assinado um tratado em Badajoz que determina a fronteira no Guadiana desde a confluência do Caia até à foz, a fronteira luso-castelhana.

Segundas Núpcias

Em 1253, o rei desposa D. Beatriz, conhecida por D. Brites por distorção do povo, filha de D. Afonso X de Castela, *O Sábio*. Desde logo isto constituiu polémica pois D. Afonso era já casado com D. Matilde, Condessa de Bolonha.

O Papa Alexandre IV responde a uma queixa de D. Matilde ordenando ao rei D. Afonso que abandone D. Beatriz em respeito ao seu matrimónio com D. Matilde. O rei, muito astuto em questões diplomáticas, não obedeceu, mas procurou ganhar tempo neste assunto delicado. O problema ficou resolvido com a morte de D. Matilde em 1258 e o Infante D. Dinis, nascido durante a situação irregular dos pais, foi então legitimado em 1263.

O casamento funcionou como uma aliança que pôs termo à luta entre Portugal e Castela pelo Reino do Algarve. Também resultou em mais riqueza para Portugal quando D. Beatriz, já após a morte do rei, recebe do seu pai, Afonso X, uma bela região a Este do Rio Guadiana, onde se incluíam as vilas de Moura, Serpa, Noudar, Mourão e Niebla. Tamanha dádiva deveu-se ao apoio que D. Brites lhe prestou durante o seu exílio na cidade de Sevilha.

Excomunhão do Rei e do Reino

No final da sua vida, viu-se envolvido em conflitos com a Igreja, tendo sido excomungado em 1268 pelo arcebispo de Braga e pelos bispos de Coimbra e Porto, à semelhança dos reis que o precederam. O clero havia aprovado um libelo contendo quarenta e três queixas contra o monarca, entre as quais se achavam o impedimento aos bispos de cobrarem os dízimos, utilização dos fundos destinados à construção dos templos, obrigação dos clérigos a trabalhar nas obras das muralhas das vilas, prisão e execução de clérigos sem autorização dos bispos, ameaças de morte ao arcebispo e aos bispos e, ainda, a nomeação de judeus para cargos de grande importância.

O rei, que era muito querido pelos portugueses por decisões como a da abolição da *anúduva* (*imposto do trabalho braçal gratuito, que obrigava as gentes a trabalhar na construção e reparação de castelos e palácios, muros, fossos e outras obras militares*), recebeu apoio das cortes de Santarém em Janeiro de 1274, onde foi nomeada uma comissão para fazer um inquérito às acusações que os bispos faziam ao rei. A comissão, composta maioritariamente por adeptos do rei, absolveu-o. O Papa Gregório X, porém, não aceitou a resolução tomada nas cortes de Santarém e mandou que se excomungasse o rei e fosse lançado interdito sobre o reino em 1277.

À sua morte, em 1279, D. Afonso III jurou obediência à Igreja e a restituição de tudo o que lhe tinha tirado. Face a esta atitude do rei, o abade de Alcobaça levantou-lhe a excomunhão e o rei foi sepultado no Mosteiro de Alcobaça.

Ficha genealógica:

D. Afonso III, nasceu em Coimbra a 5 de Maio de 1210, e morreu em Coimbra a 16 de Fevereiro de 1279. Casou em França, em Maio de 1239, com D. Matilde, condessa de Bolonha e viúva de Filipe, o Crespo, que tinha falecido em 1234, não tendo havido descendência, pelo que foi repudiada em 1253. Por um segundo casamento, feito em S. Estêvão, termo de Chaves, no ano de 1253, com D. Beatriz ou Brites, filha natural de Afonso X, rei de Castela, deixou sucessão:

1. D. Branca, nasceu em Guimarães a 25 de Fevereiro de 1259; faleceu em Burgos a 17 de Abril de 1321, onde era «Senhora e Guardadora» do Convento das Huelgas;

2. D. Fernando, nasceu em 1260 e faleceu em 1262, estando sepultado em Alcobaça;

3. D. Dinis, que herdou a coroa;

4. D. Afonso, nasceu em 8 de Fevereiro de 1263 e faleceu em Lisboa a 2 de Novembro de 1312; casou com D. Violante, filha do infante D. Manuel, senhor de Escalons, em Castela;

5. D. Sancha, nasceu em 2 de Fevereiro de 1264. Viveu em Castela, falecendo em Sevilha por volta de 1302. Está sepultada no Convento de Alcobaça;

6. D. Maria, nasceu em Coimbra a 21 de Novembro de 1264; freira no Convento das Donas Cónegas de S. João, junto ao Mosteiro de Santa Cruz; morreu em Coimbra a 6 de Junho de 1304;

7. D. Vicente, nasceu em 22 de Janeiro de 1268 e morreu em Lisboa em ano incerto, sendo enterrado no Mosteiro de Alcobaça.

D. Afonso III teve de várias mulheres os seguintes filhos bastardos:

8. D. Leonor Afonso, nasceu em data incerta; casou com D. Estêvão Anes, e, em segundas núpcias, com D. Gonçalo Garcia de Sousa, alferes-mor; viveu quase sempre em Santarém, onde morreu a 26 de Fevereiro de 1291, sendo enterrada na Igreja de Santa Clara, onde ainda se guarda o seu túmulo;

9. D. Gil Afonso, nasceu em data incerta; cavaleiro da Ordem do Hospital, foi sepultado na Igreja de S. Brás, em Lisboa, ignorando-se o ano da sua morte;

10. D. Martim Afonso, por alcunha o Chichorro;

11. D. Afonso Dinis, nasceu e faleceu em data incerta, filho de D. Marinha Peres, de Enxara dos Cavaleiros;

12. D. Urraca Afonso, nasceu e faleceu em data incerta, sendo enterrada em São João de Tarouca. Casou duas vezes, a primeira com D. Pêro Eanes, tenente do distrito da Guarda, que morreu antes de 1286; e, a segunda, com D. João Mendes de Briteiros, c. 1290.